

## **Extensão Universitária e Economia Solidária: arte e trabalho para o desenvolvimento local no Campo das Vertentes em Minas Gerais<sup>1</sup>**

**Júlio A. R. Leite<sup>1\*</sup>; Bruno A. Prado<sup>2</sup>; Aliane de Souza Nascimento<sup>3</sup>; Maria L. M. Guimarães<sup>4</sup>**

<sup>1\*</sup> *Graduando em Engenharia Mecânica, Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei, MG – [junioemufs@gmail.com](mailto:junioemufs@gmail.com)*

<sup>2</sup> *Graduando em Administração, UFSJ, São João del-Rei, MG*

<sup>3</sup> *Pós Graduada em Gestão de Pessoas, MBA-UFSJ, São João del-Rei, MG*

<sup>4</sup> *Prof.<sup>a</sup> do Departamento das Ciências da Educação - DECED/UFSJ. Coordenadora do Projeto*

### **Resumo**

Este artigo apresenta o projeto Linha e Barro, consolidado por ações já desenvolvidas nas comunidades rurais de Águas Santas e de César de Pina, do município de Tiradentes/MG. O objetivo deste Projeto foi proporcionar desenvolvimento local, geração de trabalho e renda e a redução das desigualdades sociais, por meio da consolidação de um empreendimento solidário de base artesanal, favorecendo o grupo de artesãos estudado. Nos acompanhamentos ao projeto foi utilizada uma metodologia participativa com ações divididas em encontros semanais com o grupo de artesãos nos quais se discutiram sua formação e assuntos referentes à sua constituição legal. Por meio de uma intervenção psicossocial e socioeducativa buscou-se envolver os artesãos na reflexão sobre os vínculos estabelecidos e sua constituição enquanto grupo, promovendo ainda o resgate da identidade cultural pessoal e coletiva. Como resultado percebe-se a consolidação do trabalho desenvolvido por meio da construção de um espaço físico para produção e comercialização dos produtos locais, a redução da desigualdade social, o desenvolvimento local através da geração de trabalho e renda proporcionado pelo incentivo e manutenção do artesanato regional. A economia solidária apresenta-se como ferramenta importante para o empoderamento e transformação das pessoas em sujeitos ativos capazes de atuar junto à sociedade.

Palavras-chave: Desenvolvimento local; Artesanato; Economia solidária.

### **1 Introdução**

O projeto Linha e Barro desenvolveu ações envolvendo pessoas das comunidades rurais de Águas Santas e de César de Pina, distantes do município sede de Tiradentes/MG a 23 km e a 11 km do município de São João del-Rei, onde se encontra instalada a Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ. Essas comunidades se encontram separadas geograficamente do município sede pela imponente Serra de São José, o que contribui não apenas para seu isolamento físico, mas também colabora para seu isolamento social.

Tiradentes é uma pequena cidade histórica com uma área total de 83,21 Km<sup>2</sup> representando 0,0142% do Estado, 0,009% da Região e 0,001% de todo o território brasileiro que tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,773 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Localizada a 145,53 km da capital mineira é uma cidade com forte potencial turístico nacional e internacional apesar de possuir apenas duas rodovias de acesso aos principais centros urbanos da região sudeste brasileira: BR 040 e BR 383.

---

<sup>1</sup> Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – CBEU, realizado na cidade de Dourados, MS em abril de 2009.

Mesmo pertencentes ao município de Tiradentes, as comunidades rurais de Águas Santas e de César de Pina encontram-se às margens de suas possibilidades, pois ações do poder público e do setor privado que são constantes no município não se refletem nessas comunidades. Tem como características um sistema de transporte coletivo regular ineficaz, existência de duas escolas municipais que atendem apenas aos alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, tendo os demais que se deslocarem até o município mais próximo para continuar seus estudos, oportunidades de trabalho escassas, o que contribui para a marginalização desses moradores e obtenção de fonte de renda por meio, sobretudo, dos trabalhos temporários advindos da época de plantio e colheita de pimenta e mexerica, de pequenos sítios existentes na região.

O grupo, público alvo deste projeto, constitui-se de 30 integrantes, homens e mulheres, divididos em dois grupos de trabalho: um com 12 artesãos, dedicados à produção de artigos de cerâmica e outro com 18 mulheres, dedicadas à produção bordados manuais, seguindo uma tradição familiar. Levantamentos realizados nas reuniões de mobilização e ação mostraram problemas como baixa escolaridade. Os resultados obtidos apresentaram uma realidade onde 42,9% dos artesãos concluíram a quarta série e 14,4% não completaram o ensino fundamental. É importante ressaltar que o grupo é formado, em sua grande maioria, de mulheres na faixa etária de 20 a 39 anos, pertencentes à classe popular, com número de filhos reduzido, não ultrapassando a três por família.

A justificativa para as ações da escolha deste grupo para o desenvolvimento do projeto se dá pela potencialidade a nós apresentada, a abundância da argila na região, principal matéria-prima da produção artesanal de peças cerâmicas, o que faz da região um dos pólos de pesquisa para melhoramento da produção artesanal em cerâmica no estado de Minas Gerais e também o registro de duas pequenas fábricas de peças de cerâmica na região, que absorvem um pequeno contingente de mão-de-obra local. Pode-se destacar também a necessidade apresentada pela comunidade de um resgate da identidade de trabalho da região, baseado na sua antiga vocação: confecção de bordados de toalhas em ponto de marca, o conhecido ponto-cruz e acabamentos com bainhas torcidas e barrados de crochê, que durante a década de 80 atuou como forte fonte de renda alternativa para muitas famílias da região. A construção de um espaço físico, com destino de sede desses artesãos, teve o propósito de garantir uma produção em condições mais adequadas e a comercialização direta e em fluxo contínuo e ainda possibilitar um incrementado de sua renda familiar. Acredita-se que o contato entre o público e a atividade laboral estabelecem vínculos, que possibilitam o aumento das vendas, a divulgação do grupo, de sua identidade cultural e de seus produtos.

No que diz respeito às potencialidades locais, o grupo está alocado próximo a um dos maiores pólos turísticos de Minas Gerais, tendo ainda como vizinho, o único aeroporto dessa região. Entretanto, tal proximidade não permite ainda que haja um perfeito escoamento de sua produção, uma vez que essas comunidades se encontram às margens de toda essa potencialidade turística, como já descrito anteriormente. Sendo assim, a viabilização da entidade associada, contando inclusive com uma sede própria, permite e cria um espaço não só de produção, mas também de permanente exposição e venda direta de seus produtos aos turistas que visitam a região.

## **2 Referencial Teórico**

A economia solidária se apresenta como uma nova tendência de organização principalmente dos desempregados, dos que sofrem a precarização do trabalho e dos excluídos socialmente (OLIVEIRA, 2006). O fenômeno de desemprego estrutural vem aumentando em todo o mundo desde a segunda metade do século XX quando da crise do welfare state, o Estado de

Bem-Estar Social, na Europa. Tal transformação política, entre diversas outras consequências, gerou fatores socioeconômicos que levaram a precarização do trabalho, a fenômenos de terceirização e quarteirização de empresas (espécies de contratação indireta de mão-de-obra), novos instrumentos de gestão como downsizing, rightsizing e reengenharia, processos que envolvem aquisições de empresas, fusões, redução no número de empregados, enfim, a criação de estratégias de sustentação econômica no mundo globalizado de economia capitalista.

O capitalismo constitui um sistema político e econômico complexo do qual pode-se enaltecer, conforme Santos (2002), três características principais: em primeiro lugar, ele produz desigualdades de recursos e poder devido à separação entre capital e trabalho e à apropriação privada dos bens públicos; em segundo, as relações de concorrência exigidas por seu mercado produzem formas de sociabilidade empobrecidas, que se baseiam no benefício individual ao invés da solidariedade; e por último, ele explora crescentemente os recursos naturais em nível global. Contra esses fatores, estão os preceitos da economia solidária que Singer (2002a) compreende como:

[...] outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cooperativas ou em outra sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária de renda.

Assim, entende-se que o capitalismo e suas contradições criam oportunidades para o desenvolvimento de um tipo de organização econômica cuja lógica é oposta à do modo de produção dominante. A economia solidária é, portanto, um modo de produção inserido no capitalismo. Nas palavras de Singer (2002b), “[...] mesmo sendo hegemônico, o capitalismo não impede o desenvolvimento de outros modos de produção, porque é incapaz de inserir dentro de si toda população economicamente ativa”. A economia solidária, com efeito, considera as questões sobre a terra, as quais levam em conta a sustentabilidade e o desenvolvimento local e regional. É nessa perspectiva que essa economia popular faz com que agregações solidárias compartilhem recursos e articulem estratégias para reproduzir sua vida coletiva. Desse modo, seus membros juntam seus recursos para solidariamente satisfazer as necessidades de todo o conjunto.

A economia solidária não aceita a competição e o individualismo que o capitalismo promulga em suas relações. Pelo contrário, essa outra economia tem como princípios básicos a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. Ela também propõe o desenvolvimento humano, a educação e conscientização além da eficiência econômica. É aí que reside o caráter solidário da economia: no lugar da competição, há a construção de redes de trocas solidárias; no lugar do individualismo, a liberdade; no lugar da exploração, a visão voltada para o futuro de maneira sustentável. São nas cooperativas que a economia solidária surge e atua na sua maior potencialidade. Elas podem ser de consumo, produção, crédito, compra, venda e serviços. Nas cooperativas, como todos são sócios, a gestão é feita de maneira democrática. A autogestão é, assim, o instrumento de gestão utilizada nas cooperativas que radicalizam a democracia determinando o fim de todas as relações verticais de poder. Todos têm direito de opinar na administração e as decisões são tomadas considerando a participação de todos. A autogestão, diferente de outros tipos de participação do empregado na gerência da empresa como a “participação”, a “co-gestão” e o “controle operário”, podem ser entendidos como um conjunto de práticas sociais que tem a democracia como principal característica, o que propicia o poder compartilhado em relações sociais mais horizontais (BOURDET, 1976). Contudo, a autogestão demanda alguns princípios que sofrem resistência de trabalhadores acostumados às práticas verticais

capitalistas da heterogestão – para sua realização, além de cumprir as tarefas de seu cargo, cada trabalhador tem de se preocupar com os problemas gerais da empresa. A necessidade de tomadas de decisão rápidas para que se mantenha a eficiência da produção e o lugar competitivo do produto no mercado pode atrapalhar a prática autogestionária que necessita da ocorrência de assembléias e reuniões para que se solucionem os problemas. Isso pode corroer a autogestão e fazer com que os sócios escolham representantes para a solução de tais problemas com maior eficiência e rapidez. Entretanto, as discussões em assembléia sobre decisões devem ser feitas de modo a informar a todos sobre o funcionamento da organização (SINGER, 2002a). O tipo de cooperativismo estudados apresentado neste artigo acentua-se na aproximação com princípios solidários, autogestionários e com redes de luta contra a pobreza e exclusão social pelo exercício da cidadania.

No que diz respeito às questões concernentes ao processo grupal tem-se por base a metodologia relatada em “Oficinas em dinâmica de grupo” da professora Lúcia Afonso. O referido método de intervenção psicossocial é uma estratégia de trabalho com grupos que vem se consagrando dentro da Psicologia Social e aos poucos alcança espaço em outros campos de estudos.

Oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (Afonso, 2002).

A oficina deve ser um trabalho aceito pelo grupo, nunca imposto, sua coordenação tem um papel importante, já no primeiro contato com o grupo, de escuta e adequação. Podemos apontar quatro momentos de preparação da oficina: demanda; pré-análise, a qual inclui um levantamento de dados e um aspecto importante da questão a ser trabalhada; o foco e o enquadre, o primeiro refere-se ao tema a ser trabalhado, já o enquadre diz respeito ao número e tipos de participantes, o contexto institucional, o local, o número de recursos disponíveis e o de encontros; e finalmente o planejamento flexível, no qual o coordenador se prepara para a ação, antecipa temas e estratégias como forma de se qualificar para condução da oficina, entretanto deve-se estar preparado para possíveis mudanças. No caso deste projeto foram elaboradas oficinas com os artesãos da cerâmica e dos bordados com o objetivo de refletir sobre questões concernentes ao artesanato, práticas de economia solidária, identidade coletiva, comunicação, processo de autogestão, etc.

### **3 Metodologia**

O Projeto Linha e Barro trabalhou, desde sua fase inicial, com a idéia de uma organização social baseada no cooperativismo, partindo de uma metodologia participativa, tendo como pressupostos a pesquisa-ação, como ferramenta de trabalho. De maneira geral situa-se no campo da Pesquisa Participante, modalidade na qual pesquisador e comunidade trabalharam juntos, com o objetivo de produzir conhecimento e novas sistematizações acerca das percepções sobre a comunidade-alvo para que esta tenha condições de buscar algum tipo de transformação.

Em função de sua constituição legal, a equipe proponente acompanhou e avaliou, junto aos membros do grupo, a adequação das regras de funcionamento propostas. A partir da reflexão da sua prática de funcionamento, bem como a escolha de sua natureza de funcionamento construindo, a partir de decisão do grupo, dentre outros, o regimento interno da associação. É importante destacar que a natureza jurídica do empreendimento foi uma decisão exclusiva dos membros do grupo. A intenção desse acompanhamento foi de propiciar a qualificação dos participantes, para que pudessem assumir de forma autônoma o empreendimento solidário que

se propõem. O acompanhamento do grupo foi realizado por toda a equipe e outros atores, voluntários, envolvidos no Projeto e discutidos em reuniões periódicas que serviram como momento de avaliação e re-planejamento gerando a abertura de novas ações.

No que diz respeito às questões concernentes ao processo grupal, a metodologia utilizada foi “Oficinas em dinâmica de grupo” da professora Lúcia Afonso. O referido método de intervenção psicossocial é uma estratégia de trabalho com grupos que vem se consagrando dentro da Psicologia Social e aos poucos alcança espaço em outros campos de estudos. No caso deste projeto foram elaboradas oficinas com os artesãos da cerâmica e dos bordados com o objetivo de refletir sobre questões concernentes ao artesanato, práticas de economia solidária, identidade coletiva, comunicação, processo de autogestão, etc.

Paralelo à produção e as oficinas foram realizados cursos de capacitação, aperfeiçoamento, orientação e qualificação aos artesãos. Com objetivo de pautar o manuseio da matéria-prima, produção, acabamento, qualidade do produto, circulação e venda de produtos e técnicas comerciais e administrativas a fim de melhor capacitar e orientar os artesãos para sua autogestão do grupo e funcionamento e manutenção da associação.

Durante a vigência do projeto as ações de capacitação e aprimoramento continuaram a ser desenvolvidas e organizadas tendo por base o princípio da educação continuada. Concomitantemente, foram realizadas análises periódicas do processo de funcionamento e desenvolvimento das demais ações junto à comunidade. Esses dados foram obtidos, por meio de estudos demonstrativos de produção e renda mensal, de questionários aplicados junto à comunidade, reuniões com os participantes e a equipe proponente, bem como da observação direta dos estudantes, graduados e professores do curso de Administração, Ciências Contábeis e Econômicas que estiveram em contato direto com a comunidade.

A equipe proponente se constituiu de professores e técnicos sociais, recém formados, que compreendem as principais áreas de atuação do Projeto (Administração, Psicologia e Pedagogia) e graduandos das diversas áreas de conhecimento pertencentes à graduação da UFSJ e outros parceiros voluntários, membros da comunidade ou não, interessados no sucesso do grupo atendido. A fim de garantir à melhoria do acompanhamento e a assessoria ao empreendimento solidário a ser constituído o projeto previu em diversos momentos capacitações e aperfeiçoamentos para a equipe de trabalho e também ao grupo. Essas ações ocorreram ao longo da execução do projeto por meio de: participação de cursos em áreas afins aos objetivos do projeto; realização de pesquisas capazes de reunir dados qualitativos e quantitativos relacionados ao desenvolvimento do projeto; divulgação dos resultados e troca de saberes em eventos e congressos afins; reuniões semanais de supervisão e orientação acadêmica e encontros sociais a fim de acompanhar, estimular e promover/divulgar as ações realizadas durante a execução deste Projeto.

Vale destacar que a ação apresentada nesse artigo foi fruto da aprovação no 11º Concurso Banco Real Universidade solidária que tem uma metodologia diferenciada que pauta de forma muito eficaz a extensão universitária, onde se busca garantir resultados concretos e proporcionar mudanças por meio de ações que evidenciam de forma clara a troca de conhecimentos popular e acadêmico, permitindo ao estudante não só praticar, mas também aprimorar os conhecimentos obtidos durante sua formação acadêmica. O estudante tem a oportunidade de assim definir melhor seu perfil profissional, bem como, abrir os olhos a novos conhecimentos e habilidades.

#### **4 Resultados**

A partir das ações socioeducativas, pode-se destacar como resultados, a alfabetização de uma

artesã integrante do grupo, por meio do Programa Brasil Alfabetizado e a continuidade do processo de Escolarização, oferecido na modalidade de EJA, atendendo os dois segmentos do ensino fundamental e o ensino médio. Destaca-se ainda o ótimo rendimento dos alunos comprovado por meio do número de aprovados nas provas aplicadas pelo Estado e também a aprovação de uma das artesãs no vestibular 2010 da UFSJ para o curso de Artes Aplicadas (ênfase em cerâmica).

Além disso, o grupo de estagiárias de pedagogia do projeto promoveu a valorização dos indivíduos, assim como, sua realidade social por meio da identificação de trajetórias de vida e de desenvolvimento social, visando construir um trabalho documental que pudesse gerar posteriormente a identificação e divulgação da história, do surgimento e trajetória do grupo por meio da elaboração de um “Caderno de Ofício”. Os encontros apresentaram uma dinâmica que proporcionou o trabalho da linguagem escrita e oral dos membros do grupo. Os “Cadernos de Ofício” foram, também, bem empregados na construção do registro da produção e ações do grupo, auxiliando de forma eficaz a construção de novas coleções e ampliação de suas ações/linhas de produção.

Quanto à constituição legal, o grupo se encontrava semanalmente para discutir a sua forma de organização, se de base cooperativista ou associativista, passando por oficinas de capacitação que tinham como objetivo apresentar as especificidades de cada forma de empreendimento e discutir as diferenças das mesmas. Neste momento, os estudantes de Administração do projeto realizaram também reuniões com um contador, a fim de apresentar um maior embasamento para as discussões legais e contábeis da constituição de um empreendimento. Optando-se pela criação de uma associação denominada “Associação de Bordadeiras e Ceramistas Clareart”, com estatuto aprovado pelo grupo e registrado em cartório.

Estagiários da Psicologia desenvolveram, junto ao grupo, oficinas de dinâmica de grupo, a fim de proporcionar aos participantes uma reflexão de sua experiência e de sua constituição enquanto grupo, promovendo um espaço onde possam trabalhar significados afetivos e vivências relacionadas a fenômenos diversos do seu processo grupal. A base teórica para construção e condução da Oficina como forma de intervenção psicossocial, articula uma prática contextualizada, que mobiliza o grupo a refletir sobre sua realidade e daí buscar uma ação elaborada, crítica e criativa, transformadora de seu fazer.

A oficina realizada no grupo de artesãos do projeto Linha e Barro teve como proposta os seguintes objetivos: criação de um espaço que possibilite a atuação de cada artesão espontaneamente, de uma maneira a propiciar ao grupo pensar o seu processo e possibilitar a todos os membros do grupo uma reflexão sobre sua identidade e seu papel junto ao grupo. Esta reflexão teve como pano de fundo a constituição e discussão do estatuto e regimento interno da associação.

O projeto desenvolveu durante sua realização várias ações voltadas para a redução da desigualdade social, como: o acesso à educação e a garantia da continuidade do processo de escolarização por meio da EJA; a organização, consolidação do grupo e constituição de identidade coletiva emancipada e emancipadora; oportunidade da construção de um espaço físico para produção mais adequada e comercialização dos produtos a fim de garantir a redução da presença de atravessadores; conquista e aprimoramento de conhecimentos práticos; formação de uma consciência ambiental; capacitação nos aspectos de gestão para que futuramente os artesãos possam assumir de forma autônoma o empreendimento ao qual se propõem.

A partir das ações conjuntas de todas as áreas e equipes, pôde-se perceber um crescimento pessoal dos artesãos não mais passivos e sim capazes de se posicionarem diante do grupo, opinarem nas ações propostas e se colocarem fazendo serem ouvidos, tornando-se mais ativos

não só no grupo, mas também na sociedade em que está inserido.

Garantia não só do amadurecimento pessoal como também local, nesse sentido, observou-se nas proximidades da construção da sede, a criação de outros espaços de comercialização de produtos artesanais e materiais de demolição característicos da região, o que pode gerar uma maior visibilidade do poder público, que poderá garantir melhores condições físicas às comunidades, bem como melhorias no transporte coletivo, no acesso à educação e à saúde, e, assim, ocasionar uma redução da desigualdade social colocando as desigualdades apresentadas em um processo de desconstrução.

A entrada na comunidade, no universo popular, implicou para os estudantes o saber posicionar-se de acordo com aquela realidade, criando a possibilidade de contribuir com conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, estar sempre aberto à aquisição de novos significados.

A experiência em comunidade vem trazer, então, uma reflexão sobre a complexidade do mundo, colocando os estagiários frente a frente com seu objeto de estudo, que na vida acadêmica encontra-se, muitas vezes, isolado, o que é fundamental para a formação profissional. Esta experiência apresenta-se, assim, como um desafio para o estagiário que deve buscar soluções próprias no seu fazer para aquela realidade específica, sem possibilidade de separação dos problemas em lugares estagnados para o estudo dos mesmos.

## **5 Conclusões**

A prática da Economia Solidária tem como maior princípio a idéia da solidariedade, seus empreendimentos apresentam características baseadas na livre associação, no trabalho cooperativo, no consumo consciente, na autogestão e no processo decisório democrático. Apresenta-se como um eficiente mecanismo gerador de trabalho e renda. Seus princípios aliados à conquista do conhecimento têm sido ferramenta importante para o empoderamento e transformação das pessoas em sujeitos ativos capazes de atuar junto à sociedade em que está inserido.

A possibilidade do grupo ressignificar sua prática e garantir seu pertencimento deu-se por meio do processo reflexivo, desenvolvido coletivamente, aliado à valorização da individualidade. Nesse ir e vir, o grupo iniciou a construção de um cotidiano de ações coletivas que, em sua continuidade, proporcionou o atendimento às demandas do empreendimento coletivo que se propuseram a gerir.

Avaliando os resultados alcançados com essa primeira etapa do trabalho, fez-se importante não perder de vista a idéia que norteia o trabalho realizado, de que o resultado esperado não é um conteúdo, e sim um processo, estimulado e construído no grupo à medida que este consolida as relações que o vinculam.

## **6 Referências Bibliográficas**

AFONSO, Lúcia. *Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial/coordenação de Lúcia Afonso*. Belo Horizonte: Edições de Campo Social, 2002

ARRUDA, Marcos. Redes, Educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a educação de jovens e adultos. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Inep/MEC, 2005. p.31-40.

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. *Autogestão: uma mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976

OLIVEIRA, B. A. M. As cooperativas populares e seus desafios, limites e possibilidades: casos de cooperativas da cidade do Rio de Janeiro. 175f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA-SILVA, Marcos; FERNANDES, Soares Gelva; KEMP, Valéria; GODOY, Maria de Lourdes M.; ANDRADE, Cássia Aparecida; PEREIRA, Marcio Mota; OLIVEIRA, Marcela Herthel de. Certificação de identidade histórico-cultural da produção de base artesanal mineira. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 1, n. 2, 2006.

REILY, Suzel Ana. Manifestações Populares: do “aproveitamento” a reapropriação. In: REILY, Suziel; DOULA, Sheila. Do folclore à cultura popular. Anais do Encontro de Pesquisadores nas Ciências Sociais. São Paulo, USP, 1990. p. 1-31.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002a

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Produzir para viver: Os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b, pp.81-130.